

# Devi Anasuya, a mãe dos deuses

*Apresentado por Ami Bansal*

Nas profundezas da floresta verde esmeralda de Chitrakuta, na Índia, em meio aos respingos das cachoeiras e o borbulhar do rio Mandakini, o venerável Sábio Atri e a grande yoguine Anasuya estabeleceram seu ashram. Era uma morada celestial na terra. Pássaros se reuniam nos galhos das árvores próximas para ouvir os segredos de *Bhahmajnana*, o conhecimento de Brahman, o Absoluto, sendo transmitido. Os bosques pulsavam com as vibrações dos hinos ancestrais e a ressonância do som primordial.

O Sábio Atri era um dos *saptarshi*, os sete sábios que eram os patriarcas da tradição Védica. Um profeta do *Rig Veda*, ele era brilhante, gentil e dedicado à elevação da humanidade.

Sua esposa, Devi Anasuya, era uma *tapasvini*. Levava uma vida de asceticismo e autodisciplina e era a incorporação da sabedoria védica: seus pensamentos, palavras e ações eram expressões naturais dos ensinamentos das escrituras. No seu caráter e comportamento, ela refletia o significado do seu nome. *Anasuya* significa “livre de inveja, ressentimento ou ódio de qualquer pessoa” Estar em sua companhia era como sentar-se à beira de um lago puro e plácido – a única coisa que a pessoa experimentava em sua presença era uma clara visão do seu próprio Ser.

O ashram do Sábio Atri e de Devi Anasuya era famoso em toda a Índia. Seus estudantes eram conhecidos como seres humanos responsáveis, sábios e gentis, que concediam respeito a todos e a tudo com que se deparavam e tinham uma afeição profunda por este sensível planeta azul. Todos, de agricultores a brâmanes, de comerciantes a imperadores,

desejavam que seus filhos fossem a Chitrakuta. E as mães dessas crianças de oito a dez anos sabiam que Devi Anasuya daria a seus filhos amor e afeição como elas próprias.

Muitas vezes o Sábio Atri ficava absorto por anos a fio em meditação profunda pelo bem-estar da humanidade. Boa parte do ensinamento e trabalho do ashram era, portanto, dirigido por Devi Anasuya. Era sua presença que imbuía o ashram com alegria e um profundo sentimento de paz. Sua atenção e amor eram a força vital do ashram. Ela se assegurava de que os estudantes fossem bem cuidados, de que todos os hóspedes que chegassem fossem alimentados, de que as árvores florescessem e os animais fossem protegidos. Através de sua dedicação os estudantes do Sábio Atri prosperaram: seus corpos ficaram saudáveis, suas mentes estáveis e focadas, e seu anseio pelo conhecimento do absoluto, ainda mais forte. Através do poder de seu amor maternal, esses *bramacharin* – estudantes no caminho para obter o conhecimento de Brahman – estavam abertos e receptivos ao conhecimento mais sutil dos Vedas conforme ele surgia internamente.

Um dia, enquanto o grande sábio estava meditando em Brahman, sua mente se concentrou no coração através do *pranayama* e, num estado de completo desapego, uma prece surgiu de seu interior: *Que o supremo Senhor do universo, a quem eu adoro e em quem eu me abrigo, possa ficar satisfeito. Que o Absoluto possa abençoar minha vida assumindo uma forma humana e tornando-se meu filho.*

Ao abrir os olhos, ele viu sua esposa, Devi Anasuya. Ela tinha acabado de entrar no quarto para trazer algumas frutas e água e olhava para ele com um sorriso de reconhecimento no rosto. A prece que tinha surgido dentro dele era também o anseio profundo dela – ser uma mãe do Senhor supremo.

O sábio entendia que para ter o Absoluto, Brahman, encarnado como seu filho, teria que oferecer penitência. Ele discutiu o assunto com sua esposa. “Eu cuidarei do ashram e oferecerei minhas preces em apoio a sua penitência”, disse Devi Anasuya.

Com o consentimento de Devi Anasuya, o Sábio Atri viajou para a cordilheira de montanhas verdejantes de Vindhyaçhala para realizar austeridades. Lá, num penhasco majestoso, sob a sombra de uma grande e imponente figueira, o sábio ficou de frente para o leste e começou a meditar na Consciência suprema. Com o sol nascente e a lua poente como testemunhas, o sábio meditou dia após dia, em pé sobre uma perna apenas, comendo nada além de ar. Meses se passaram, e então anos. Ocorreram chuvas e tempestades. Arbustos e trepadeiras cresceram em toda parte ao redor do sábio. Ainda assim, nada o perturbava. Os animais da região – esquilos, veados e similares – ouviam todas as suas inspirações e expirações ressoando com *AUM*.

Um dia, após décadas se passarem, uma luz brilhante começou a emergir do ser do Sábio Atri. A luz era branca dourada e pulsava, e foi ficando cada vez maior e mais brilhante, expandindo-se até o horizonte, lançando seu brilho em cada planta e cada criatura em seu caminho. A prece que tinha sido concebida na caverna dos corações de Devi Anasuya e do Sábio Atri parecia estar assumindo uma forma manifesta através dessa luz. No entanto, de quem era a prece, de quem era o desejo, realmente?

Em dado momento, a luz que emanava do ser do Sábio Atri irrompeu do seu coração e alcançou os céus.

O Senhor Brahma, que estava sentado em seu lótus segurando os quatro Vedas, olhou para cima enquanto fochos dessa luz penetravam sua morada, pintando as pétalas do lótus com um brilho cintilante.

Em outra parte do *ksheera sagar*, o oceano leitoso da Consciência, o Senhor Vishnu estava deitado sobre Ananta-shesha-naga, o rei das serpentes, quando notou a superfície da água borbulhando com luz. O Senhor Vishnu sentou-se para observar de perto; o oceano inteiro, até onde sua vista alcançava, parecia estar coberto de diamantes.

No alto do Monte Kailas, o Senhor Shiva, que estava absorto em meditação profunda, viu com seu terceiro olho que ondas de luz estavam fazendo os picos nevados dos Himalaias parecerem de ouro fundido. Mas de onde vinha aquela luz? O Senhor podia sentir que a luz não era do sol.

Enquanto os deuses observavam com admiração a luz branca dourada, algo se movimentou em seus corações – de fato, no coração universal. Cada um deles era um aspecto do Absoluto, e desprendimento e desapego eram sua verdadeira natureza. No entanto, mesmo *eles* não podiam evitar de serem atraídos para aquela luz. Ela era tão pura e calorosa. Parecia ser emitida de uma fonte que transcendia os céus e qualquer coisa que pudesse ser encontrada lá.

O Senhor Brahma, o Senhor Vishnu e o Senhor Shiva se entreolharam através do cosmo da Consciência e sorriram. Era isso que eles estavam esperando, desejando e *almejando*.

Eles eram os criadores, sustentadores, e a força de todas as mães. Durante eras cuidaram das mães, concedendo-lhes bênçãos e dádivas, atendendo suas orações altruístas. No entanto, os próprios deuses nunca haviam experienciado o amor de uma mãe. Secretamente, cada um deles ansiava por conhecer esse amor mais puro, mais doce, sem limites e incondicional. Pois até mesmo eles, cuja criatividade e inspiração fizeram emergir o universo inteiro, não podiam entender um amor assim.

Satisfeitos além da medida, os três deuses se reuniram nos céus e se prepararam para descer à Terra. Seus anseios inconfessos haviam se tornado a prece de Devi Anasuya e do Sábio Atri.

Quando o sol nascia em Vindhyaçhala, os três guardiões deste mundo apareceram diante do Sábio Atri.

— Ó, mais venerado de todos os sábios — eles disseram, suas vozes ecoando suavemente no coração do sábio e através dos vales em torno do monte Vindhyaçhala — Por favor, abra seus olhos.

As pálpebras do sábio tremularam ao abrir. Tudo à sua volta estava inundado de luz. Gradualmente, ele pôde enxergar as formas brilhantes dos deuses. Lá estava o Senhor Brahma em suas imaculadas vestes brancas, segurando um rosário e seu *kamndala*, seu pote sagrado contendo a água causal com a qual criava o universo inteiro no começo de cada era. Lá estava o Senhor Vishnu, em tom azul-escuro, com uma guirlanda de flores *vaijanti* em volta do pescoço e seu *chakra sudarshan* reluzindo à luz do sol nascente. E lá estava Karunakara, o Senhor Shiva, com seus cachos emaranhados e um tridente brilhante na mão, os olhos transbordantes de compaixão.

Ao contemplar o resplendor dos três deuses, o Sábio Atri sentiu o cansaço e a rigidez de décadas acumulados em seu corpo físico se dissiparem. Ele se deitou em completa prostração, oferecendo seu *sashtang pranam*.

— Estamos muito satisfeitos com sua austeridade e suas preces — disse o Senhor Brahma enquanto os três deuses sorriam para o sábio.

O coração do sábio estava tão pleno que ele mal podia falar. Com as mãos em prece, ele finalmente disse: “Receber o seu *darshan*, contemplar suas formas gloriosas, é minha boa sorte infinita. Sou verdadeiramente abençoado.”

— Estamos aqui em resposta à sua prece — disse o Senhor Vishnu.

— Vamos agora ver a mãe Anasuya — disse o Senhor Shiva.

O Monte Vindhya se sentiu tão abençoado com os três deuses de pé sobre ele que abriu um caminho fácil através da floresta Chitrakuta até o Ashram. As árvores da floresta decidiram florescer, e Vayu *devata*, o deus dos ventos, soprou suavemente perfumando a jornada do Sábio Atri e dos três deuses com a fragrância das flores da floresta.

Devi Anasuya já tinha visto através de sua visão divina interior que os três deuses estavam se aproximando do ashram com o Sábio Atri. Lágrimas brotaram de seus olhos. Sua alegria não tinha limites. Ela se vestiu com seu sari favorito, feito de seda macia vermelha e branca, e começou a se preparar para dar as boas-vindas a seus distintos convidados.

Quando os três deuses chegaram ao Ashram, ela os saudou afetuosamente. Colocou *kumkum* e *tika* de pasta de sândalo na testa de cada um e ondeou uma bandeja de *arati* diante deles. Enfeitou os senhores com guirlandas que ela criou com flores de *mogra* frescas, que os deixaram ainda mais belos e radiantes. Os olhos de Anasuya transbordavam amor, afeição e reverência.

Depois que Devi Anasuya ofereceu este *puja*, os deuses cruzaram o portal do Ashram, pisando primeiro com o pé direito, do jeito tradicional. Anasuya deu a eles um assento confortável e lhes ofereceu água, frutas frescas e doces feitos com leite.

Os três deuses ficaram emocionados por serem recebidos de maneira tão nobre. O Senhor Vishnu não parava de sorrir! Ele se levantou, segurou a mão de Anasuya, e pediu que ela se sentasse ao lado deles.

— Nós aceitamos a sua prece — disse ele para Devi Anasuya, quando ela se sentou — Na verdade, sua prece sempre foi nosso desejo. Sempre ansiamos por experimentar o amor de uma mãe como você.

— Nós juntaremos nossas energias e nasceremos para a mãe Anasuya no devido tempo — disse o Senhor Shiva, dirigindo-se ao Sábio Atri — A forma que tomaremos, como seu filho e da mãe Anasuya, servirá ao mundo inteiro e o elevará.

E assim foi. Vários meses depois, na lua cheia de dezembro, um bebê radiante com três cabeças, representando cada um dos três Deuses, nasceu para o Sábio Atri e Devi Anasuya. Ele foi chamado de Dattatreya, “o filho de Atri, dado como um presente dos deuses.”

Devi Anasuya e o Sábio Atri estavam felicíssimos de ter Dattatreya como seu filho. Devi Anasuya cuidava de todas as suas necessidades. Ela o banhava, o vestia, e lhe contava histórias de sábios e santos. Fazia para ele suas guloseimas preferidas – *puris, kheer, puranpolis* – e o alimentava com suas próprias mãos. Cantava hinos e cantos sagrados para ele dormir e estava sempre ao lado do bebê Dattatreya antes que ele abrisse os olhos de manhã.

À medida que Dattatreya crescia, Devi Anasuya lhe ensinava sobre os caminhos do mundo, a essência das escrituras, e os segredos da natureza. Apesar de o Senhor Dattatreya ter um vasto conhecimento, ele sempre ouvia a sua mãe com enlevada atenção. O amor, o cuidado, a paciência dela eram tamanhos que os deuses que este menino personificou esqueceram como o paraíso verdadeiramente era.

O Senhor Dattatreya, a encarnação dos três poderes universais da criação, sustentação e dissolução, tornou-se um yogue, o primeiro *avadhuta* (um ser totalmente impassível diante do mundo material) e a personificação do supremo princípio do Guru. Quando era um jovem, ele deixou o Ashram

de Devi Anasuya para dar ao mundo um caminho para a realização do Ser. Guru Dattatreya transmitiu muitos ensinamentos para o mundo, incluindo a escritura *Avadhuta Gita* e as principais doutrinas do *ashtanga yoga*.

Como um *chiranjivi*, um grande ser que nunca morre, o Senhor Dattatreya permanece neste planeta, aparecendo em diferentes formas através da eternidade para a elevação da humanidade. Criado no amor de sua mãe, uma resposta às preces de Devi Anasuya e do Sábio Atri, o Senhor Dattatreya foi, e é, fiel ao seu nome. Ele é um presente para o mundo inteiro.

Esta história é inspirada na lenda do nascimento do Senhor Dattatreya, como é relatado em muitas escrituras, incluindo o *Bhagavata Purana*.



© 2021 SYDA Foundation®. Todos os direitos reservados.